



O Jornal das Senhoras - Tomo I - 27 de junho de 1852 - Edição 26

Link: [https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/700096/per700096\\_1852\\_00026.pdf](https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/700096/per700096_1852_00026.pdf)

TOMO I. - DOMINGO, 27 DE JUNHO DE 1852

## O JORNAL DAS SENHORAS

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

O programa e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina.

### MODAS

Sou hoje portadora de uma noticia, querida leitora, que vos será por certo mui agradável: do mez que vem em diante o *Jornal das Senhoras* principia a dar-vos uma brilhante estampa com dous lindos figurinos todos os domingos de cada mez, e no ultimo uma peça de musica, das quaes a primeira é uma feliz composição do Sr. Stokmayer filho. Esta publicação tambem principia a ser feita—pela primeira vez no Rio de Janeiro—em typos typographicos como são impressas as musicas de todos os jornaes da Europa; em um artigo especial a redacção vos dirá a quem deve esta vantajosa aquisição ha tanto tempo reclamada no paiz para as publicações deste genero.

Penso que vos dei uma boa noticia, e parece-me que já vos estou vendo impaciente esperar pelo domingo que vem, para terdes entre as vossas mãosinhas os lindos figurinos de baile que vos heide apresentar—quereis satisfazer o vosso desejo e o vosso bom gosto—por sem duvida que assim acontecerá. Desde já vos posso assegurar que ainda nenhum jornal do paiz vos deu melhores, mais engraçados e elegantes figurinos, do que os que vai dar o *Jornal das Senhoras*. Só vistos! vêde-os, e depois rogo-vos que vos recordeis do que disse a minha antecessora « O Jornal das Senhoras não mira o ouro, mas curva-se ao desejo de ser util ás suas assignantes—para seu recreio e illustração. » Ainda hoje predominão as mesmas convicções.

Com o augmento do numero dos assignantes augmentar-se-hão tambem as despesas deste jornal para tornal-o cada vez mais digno de vossas atenções, e como que revelando o seu reconhecimento á constante coadjuvação que tão benignamente lhe tendes prestado.

Assim irá elle caminhando até chegar ao grão de perfeição a que podem atingir jornaes desta ordem.

Mas.... não ha gostos perfeitos! dou-vos outra noticia, bem desconsolada. Estou eu (que tristonha noticia....) a vossa amiga Christina, incumbida dos artigos de modas que hão de

— 209 —

acompanhar todas as semanas a discripção dos figurinos....

Ora, quando eu pensaria em tal!... Eu que, além de não ter genio de subordinar-me ás obrigações certas e determinadas, reconheço a minha insufficiencia, e de mais a mais tenho uma completa disposição.... para a mandriice, que nem quantos remedios simples e compostos tem uma botica inteira terão a energia de curar-me deste mal antigo e *natural*! Não sei como darei conta da mão se me desamparar a vossa bondade e tolerancia.... Vamos porém ao assumpto principal deste artigo, que a respeito de introdução já vai cheirando a *serrote*.

Para batedores dos novos figurinos offereço-vos uma estampa que julguei muito util apresentar-vos nesta semana, não só porque dizem todas as folhinhas que o inverno principiou na segunda-feira passada, com o porque no meu entender é este um dos objectos mais indispensaveis ao rigoroso *toilette* de baile e de visitas, no inverno ou no verão, em o nosso Rio de Janeiro, onde as constipações trazem geralmente tão funestos resultados, e tão pouco se cuida de prevenil-as.

E' uma estampa com oito differentes modelos de SAHIDAS DE BAILE dos de melhor tom em Paris, donde nos forão remettidos pelo paquete deste mez para mimosearmos as nossas assignantes. Cada um delles traz o competente appellido porque são distinctos e indicados entre o mundo elegante—o 1.º appellida-se Alméria—o 2.º, Bretonne—o 3.º, Henri III—o 4.º, Armada—o 5.º, Manteau Espagnol—o 6.º, Mimosa—o 7.º, Odessa—o 8.º, Valdivia. Não vos indico qual dos oito é o de mais bom gosto, porque todos elles estão no requinte da moda, e um só não será preferido, que não tenha merecido as honras das primazias de centenas de parisienses. Entretanto elles dividem-se em duas classes—de capuz—e decotados: para as sahidias de baile ou theatro estou que nenhuma senhora de bom-tom escolherá os decotados, só pelo prazer de em volta do seu mimoso queixo atar um lindo e transparente lenço—este antigo costume já está na terceira classe dos—sem prestimo.

No baile do Cassino tenho visto algumas elegantes retirarem-se já previnidas de SAHIDAS DE BAILE aproximando-se a algum destes modelos; e estou bem certa que, se todas as senhoras em geral se compenetrarem da necessidade que ellas teem de mais este objecto para o complemento do seu *toilette*, nenhuma deixará de possuil-o, sobretudo na presente estação quando ao sahir de um baile, de uma *soirée*, ou de uma visita mui demorada, deixão um salão aquecido, para exporem-se ás intemperies de uma noite fria.

Os armazéns dos Srs. Wallerstein e C.<sup>a</sup>, Francisco Paquet, Alexandre Castel e C.<sup>a</sup>, Mmes. Hortense Lacarrière, e Josephina Meunier, podem offerecer-vos um lindo e variado sortimento de SAHIDAS DE BAILE, em que podereis escolher a capricho de vosso bom gosto a que mais elegante vos ficar.

Agora devo dizer-vos, querida leitora, duas palavrinhas ácerca da interessante noiva de que vos deu conta o meu artigo do primeiro domingo deste mez. Esta linda menina casou-se a 12 do corrente mez, ás 10 horas da manhã, entre as benções de seus estimaveis pais e a geral approvação de todos os amigos que testemunharão o acto solemne; houve depois um esplendido jantar para sessenta pessoas, e no meio da profusão de um delicadissimo dessert, ao saltar a primeira rolha do fumegante champagne, derão-me a honra de ler as duas quadrinhas seguintes, que eu havia escripto e introduzido entre as rendas do vestido de noivado, quando fui apreciar o rico enchoval nas suas odoríferas caixas de saudalo.

Estava quasi não reproduzindo aqui essas toscas quadrinhas... tenho receio de passar por vaidosa... Emfim, agora é preciso repetil-as, não ha remedio. Forão estas:

Alheia aos erros de amor,  
Submissa á lei paternal,  
E's do teu sexo um primor  
Sel-o-has da fé conjugal.

Com as egregias virtudes,  
Que a natureza te deu,  
Tens de ser bem venturosa  
Entre os laços d'hymeneo.

E sabeis que depois disto recebi um escripto... Emfim, não vos posso declarar o nome dos noivos, que tanto desejaveis saber; contentai-vos em vos affiançar que são duas interessantes criaturas, um par digno de toda a estima.

25 de Junho.—Infante.

*Christina.*

— 210 —

### A FLORINHA DA FONTE.

*Bemdito senhor, que deste  
No deserto uma fontinha;  
Bemdito Tu que criaste  
Junto á fonte uma florinha  
A. X. L. Cordeiro. (O Vôo d'Alma.)*

Por aqui passa o ribeirinho, bordado de humidas pedrinhas e de meiga relva viçosa; borbulha sonhando em sua fonte, e brando e mysterioso leva a sua agua de brilhantes por entre o verde da mais linda planice...

Uma lagrima debaixo da pedra indica o seu chorar—a sua nascente.

E mansas se deslirão depois essas gotas espalhadas—e mansas continuam em seu pranto de amores solitarios.

Elle vive ahi só, longe do ruido do mar, do rugir do rio, do açoutar dos ventos!

Elle só ahi existe—nesse mesmo logar o criou Deus—nesse logar jamais ninguem o visitou.

Nasceu filho da melancolia!

Nasceu de noite quando a lua reflectia um dos seus pallidos raios sobre sua mãe!

Pobre que assim gerou um filho em sua triste solidão!

Apenas gemeu com a brisa que se escoava por entre os galhos da floresta.

Ninguem a ouviu—ouviu-a Deus; — e ao outro dia cavou na planice o berço desse pequenino triste—ornou-o de redondas pedrinhas brancas—matizou-o de relva macia—e em sua cabeceira collocou uma florinha.

E' a florinha da fonte.

Levantou-se apenas de um montãozinho de terra humedecida—abriu uma singella corôa pequenina de côr azulada e de suave perfume.

Em cima—lá onde borbulha a agua—ahi se balança ella em languido meneio.

Quando passa a borboleta não se poisa sobre ella, que a não poderia sustentar.

Quando o sol arde ao meio dia, ella esconde-se abatida—quasi murcha; e depois com as primeiras gotas do sereno viça de novo para adormecer sem cuidados.

E em seu berço sonha brincando o pequeno melancolico filho da solidão.

De madrugada desperta a flôr e brilha com uma gota de orvalho pendida em seu diadema.

A sua côr é a côr do Céu—o seu perfume é doce halito—o seu movimento é tenue tremor.

E beijando o seu ribeirinho parece dizer-lhe: — não te esqueças de mim!

Aos suspiros da virgem, que lhe bafejão em torno, acolhendo-os, chama-os seus companheiros.

E' que a virgem é como ella—um anjinho na solidão.

E' que a virgem que jamais a viu, como ella é meiga, é doce, é modesta e simples.

Uma florinha assim, é uma virgem que innocente recosta a fronte sobre uma alma de tristuras.

A virgem—é como a florinha—ninguem ama; porque jamais a virão—e com que amor se amaria a sua alma candida?

Talvez com amor de anjo—amor de fonte, e não com profano amor de homem.

São ambas iguaes.

Uma não sabe amar senão o seu queridinho—o seu ribeiro.

A outra ama a sua innocencia, porque com ella cresceu—viveu—brincou: ama os seus suspiros que lhe brincão nos labios.

Quando ella quizer amar perderá a sua innocencia—morre com ella.

Quando a florinha da fonte quizer mais do que essa divina solidão—murchará—cahirá—e morrerá.

## II.

E em um dia o sol brilhava mais forte, e foi a virgem ao prado; subiu pelo ribeirinho e chegou bem perto da florinha azul.

« Não te esqueças de mim » dizia ella.

Pobrezinha foi colhida—murchou depois.

Longe da sua pequena patria suspirosa deixou de existir.

Secou-se o ribeirinho—apenas branca arêa mostrava ter elle ali vivido.

Abandonado, que mais lhe restava?

Depois de algum tempo, nesse mesmo lugar, quando ao anoitecer, chorava uma virgem isolada.

Erão suas lagrimas, a agua do ribeirinho.

Era ella, a florinha da fonte.

*L. C. A. Junior.*

— 211 —

CARTA INEDITA DE FRANKLIN  
A UM MOÇO SEU COMPATRIOTA QUE EM MÁS CIRCUNSTANCIAS  
SE ACHAVA EM PARIS.

« Sr. W.—Inclusa achareis uma letra de 150 luizes de ouro. Eu não vos dou esta quantia, empresto-vol-a. Quando voltardes á vossa patria, é natural que se vos proporcionem meios de ganhar uma fortuna, que vos ponha independente, e com que possais pagar as vossas dividas. Supposto isto, se não encontrardes um moço de bem e honrado, no mesmo embaraço passageiro em que ora vos achais, me pagareis, emprestando-lhe esta mesma quantia, com a clausula delle vol-a pagar pela mesma operação, logo que possa, ou se lhe apresente igual occasião. Eu confio que este dinheiro passará assim por muitas mãos primeiro que encontre algum velhaco que suspenda a sua circulação. Lembrei-me deste expediente para fazer o bem com pequeno sacrificio, pois que eu não sou tão rico que possa despender muito no exercicio de boas obras; e por isso me vejo obrigado a recorrer á astucia, com quanto remedêe esta sentida falta, fazendo de tal modo o bem possivel com pouco ou quasi nada.

Vosso amigo

*Franklin.*

Esta carta de Benjamin Franklin, desse genio que de simples fabricante de velas, e depois impressor, se tornou o arbitro dos destinos da sua patria, que consolidou sua liberdade e sua independencia, que a enriqueceu com mais de uma industria nova, que roubou á natureza alguns dos seus maravilhosos segredos, que durante 80 annos deu o exemplo de todas as virtudes de homem e de cidadão, esta carta, digo, merece o respeito de todos, não só por sua originalidade, como pela benignidade que em cada expressão se nella revela.

De L. de B.

## POESIA.

### CONTEMPLA-A E SUMIO-SE!

Vi-a sim em noite bella,  
Qual singella,  
Qual singella apparição;  
Meiga a lua prateada  
Equilibrada,  
Bem cortava a immensidão.

E gemia a meiga vaga  
Sobre a plaga,  
Sobre a plaga com amor;  
E a brisa que girava  
Suspirava  
Sobre o calix d'uma flôr.

Lá no Céu a sua imagem  
De roupagem,  
De roupagem de christal,  
Tinha visto ao fim do dia  
Co'a harmonia  
D'uma estrella glacial.

Era o anjo a sós vagando,  
Suspirando,  
Do sarão o estridor;  
Em tristeza mergulhado  
Muitas vezes esquecido,  
Confundido,  
Contemplei-a entre o rumor.

E o som da doce orchestra,

A palestra,  
A palestra dava fim;  
Enlacei-lhe a mão na cinta,  
E o anjo não valsava,  
Só voava,  
Só voava ao pé de mim.

No'meu hombro mão de neve  
Bem de leve,  
Bem de leve descansava;  
Umas vezes toda fria  
Mal tremia,  
Mal tremia a que apertava.

E do anjo a mão nevada  
Delicada,  
Delicada quiz beijar;  
C'um sorriso a retirava,  
Que matava,  
Que matava a não matar.

E eu lhe disse—virgem pura,  
Que tristura  
Pousa sempre em teu semblante;  
Nunca foste tu fagueira,  
Feiticeira,  
Feiticeira, radiante?

Pelas faces pranto ardente  
De repente,  
De repente resvalou;  
Lindos olhos, virgem pura,  
Com tristura,  
Com tristura os abaixou.

Como o lyrio que fenece,  
Que emmurchece,  
Innocente á luz do dia;  
E da noite a luz esplendida  
D'uma tocha rezinosa,  
Flôr mimosa,  
No serão se fenecia!...

— 212 —

Como foge a estrella pura,  
Que fulgura,  
A sorrir na immensidão;  
Tal fugiu-me em noite bella,  
Qual singella,  
Qual singela apparição!...

*Salomon.*

#### CHARADAS.

|                                        |                                 |
|----------------------------------------|---------------------------------|
| De mim partiu tua morte oh Galiath     | 1. <sup>a</sup> 2. <sup>a</sup> |
| O que exprimo soffrestes com má sorte, | 3. <sup>a</sup>                 |
| Com a primeira e segunda te vencerão,  |                                 |
| Com a terceira te causarão a morte.    |                                 |

#### CONCEITO.

Mussulmano ou Calvenista  
Israelita ou Christão,  
Dominico ou Jesuita,  
A mim devem o que são.

No Brasil denoto aquelle

Que é de saudosa memoria,  
A quem deve a liberdade  
Que hoje faz a sua gloria.

*Eliza G.*

Por ser curiosa } 2  
Em sal me tornei }

Eu sou um pastor } 2  
O mal metiguei }

#### CONCEITO.

Dous nomes tem o meu nome,  
E feliz da humanidade  
Enferma que os alcança  
Antes de ir p'ra eternidade.

Porém que sou? Avesinha  
Bem modesta e elegante,  
Vivo em casa bem mancinha  
Ou vivo no brejo errante.

*Constança.*

#### PENSAMENTOS.

Palavras ha, cuja offensa pôde ser comparada ao golpe de um punhal.

Quando se me faz uma offensa, dizia Descartes, eu procuro elevar minha alma tão alto que a offensa não possa chegar a ella.

Todo o genero de desgosto se acalma em face do Céu, quando a nossa consciencia está pura.

Quando as almas elevadas carecem de um refugio, é em sua mesma elevação que o encontram; e então sua altivez excede ao poder dos máos.

Nas mais violentas situações da vida humana, ha sempre um momento de calma, como na hora da morte um instante de bem ser; é a hora das presses ou das despedidas.

Ha na vida humana acontecimentos tão extraordinarios e inevitaveis que negar a existencia de uma Providencia que nelles se revela, seria mais que incredulidade, seria testemunhar a falta de bom senso.

A morte não é um acontecimento tão terrivel como se imagina, nós a julgamos mal ao avistal-a de longe; figura-se-nos um espectro que nos assusta; mas logo que a encaramos de perto, desaparece o medo.

Porque temer a morte se tivermos bem vivido? Porque temer um instante que é precedido por uma infinidade de outros instantes da mesma ordem? Não é a morte tão natural como a vida? Não nos chega uma e outra da mesma sorte sem que o sintamos, e sem que possamos mesmo disso nos apercebermos? Comtudo, esse instante deve ser temivel para os máos, se, como diz um sabio, não vemos a essa hora senão nossas faltas; porque morrendo o orgulho pouco tempo antes de nós, esta destruição annuncia a nossa, e deve ser um horrivel martyrio, o da consciencia criminosa, perfeitamente esclarecida!...

*A....*

*Continua.*

— 213 —

VARIEDADE.

O PINTOR.

Um habil pintor de Athenas, que pintava mais por amor ao prazer da arte do que porque lhe pagassem as obras, mostrou um dia a um conhecedor o quadro de um *Marte* que elle tinha feito, e lhe rogou o seu parecer. Este homem lhe disse francamente que tal quadro de fôrma alguma lhe agradava, porquanto para ser uma boa pintura devia ter sido feita com

muito menos arte. O pintor lhe objectou muitas cousas, mas o conhecedor o combateu com mui fortes razões, sem que nunca o podesse convencer. Neste momento entrou um peralta, que se pôz a considerar o quadro:—« Oh deuses, exclamou elle, logo ao primeiro lance d'olhos, que obra primorosa. Ah! que pés, e com que arte não estão desenhadas estas unhas! Marte respira em todo este quadro. Que arte, que magnificencia neste elmo, naquelle escudo, e finalmente em toda a sua armadura não estão empregadas! » O pintor ficou tão tolhido de vergonha á vista de um tal elogio, que não ousava encarar com o conhecedor. « Agora, amigo, sim, estou convencido que vós em nada me offendestes. »

E apenas sahiu o peralta, que o pintor correu a borrar o Deus da guerra.

Se as vossas obras não merecem a approvação dos entendedores, não as deveis publicar; mas se o tolo as louvar, correi logo e logo a riscar-as.

*Traducção de L. de B.*

#### UMA RESPOSTA AO PÉ DA LETRA.

Estando Napoleão em Milão quiz conhecer o celebre musico Marchesi, e mandou-o chamar á sua presença; convidando-o, logo que appareceu, á que cantasse *un aria*. Marchesi, ou porque se quizesse mostrar espirituoso, ou porque n'aquella occasião estivesse de *candeias ás avessas*, respondeu ao Consul o seguinte, em pessimo francez: « Signor Zeneral, ci c'est un *bon air* qu'il vous faut, vous en trouverez un excellent en faisant un petit tour de zardin. »

Napoleão offendido mandou prender Marchesi, e d'ahi a um mez o mandou vir á sua presença, repetindo o convite que lhe fizera anteriormente.

Marchesi prestou-se para logo ao pedido de Bonaparte, e cantou uma aria admiravelmente. Napoleão o applaudiu freneticamente, e, batendo-lhe no hombro, lhe disse prazenteiro «— que estimava muito que l'aria da sua prisão lhe houvesse restituído a voz—, e abrandado o genio.—

*Ext. por L. de B.*

#### DE UM LORD INGLEZ.

Homens ha sem imaginação, sem graça na falla ou conversação, sem agudeza de espirito, e comtudo ferteis em sarcasmos. Homens taes assemelhão-se á navalha de barba molhada em agua fria que arranca couro e cabello sem que para isso seja necessario afial-a.

## MISTERIOS DEL PLATA. <sup>(1)</sup>

*Com o mundo começou uma luta que só com o mundo mesmo acabará, não antes: a do homem contra a natureza, a do espirito contra a materia, a da liberdade contra a fatalidade. A historia não é outra cousa que a relação desta interminavel lucta.*

*MICHELET, Historia de França.*

### A SENHORA DE ALSINA.

No seguinte dia da noite que Lostardo fallára com D. Antonia, ella queixa-se de uma forte dôr de cabeça, e fica no seu quarto todo esse dia.

Esperando a noite com impaciencia, occupa-se por momentos dos preparativos do disfarce, debaixo do qual irá á casa do joven marujo; logo que as primeiras badaladas d'Ave Marias se deixão ouvir, D. Antonia pinta seu rosto, pescoço, mãos e braços, calça umas meias pretas e chinellas, recolhe os cabellos debaixo de um lenço de algodão vermelho, veste uma roupa velha, meia esfarrapada, e se embrulha n'uma larga manta de flanela vermelha, que a gente do povo usa, e que chamão vulgarmente *Reboso*.

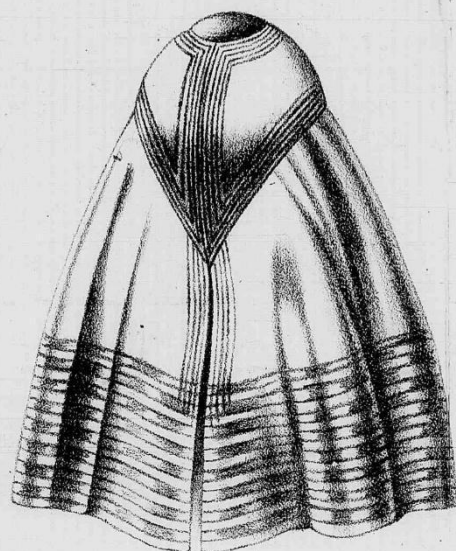
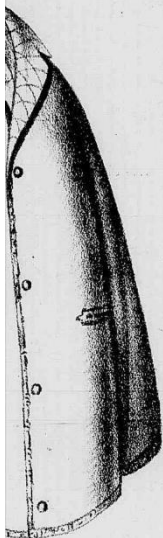
Rapida e misteriosa como uma sombra, D. Antonia aproveita a escuridade que começa a estender-se sobre a terra, e depois de fechar o seu quarto, sahe da quinta por uma porta desnecessaria que dá para o campo.

Serena e resoluta cruza a cidade; nada é capaz de acobardal-a, nem suspender a sua marcha. Envolvida ás vezes entre a populaça que acompanha a Mashorca, a Sra. de Alsina não sente um só momento vacillar a sua coragem.... é que uma força magnetica a sustenta; o seu amor, o seu amor immenso de esposa, tão santo e legitimo, que como todas aquellas affeições que não transgridem as leis da consciencia e da sociedade, nos dão força com que preencher os sacrificios mais sublimes!

---

<sup>1</sup> Vide o n. 25.





Senxi III



Amada



Deosa



Valdivia

Quando D. Antonia se apresenta a Lostardo, este fica surpreso, e custa a reconhecer a corajosa senhora!

A casinhola da mãe de Lostardo era uma pobre moradia, onde o asseio servia de ornamento, onde todos os utensílios reluziam de limpeza, e onde a velha *Ghita* imprimia o seu carácter suave e religioso em tudo. A velha italiana era um perfil antigo que na mocidade devia ser o de uma formosa mulher, e que hoje, apesar das rugas e dos sulcos da velhice, era ainda bello, porque *Ghita* era uma dessas mulheres em cujo coração puro immaculado só se abrigavam sentimentos nobres e virtuosos; sua mocidade não lhe deixara remorsos, e sua velhice não lhe fazia provar a inveja.

Ella recebeu a hospede de seu filho como se fossem antigas amigas; e como as almas virtuosas fallam todas a mesma linguagem, ellas amaram-se logo e confiaram-se uma á outra.

A Sra. de Alsina confiou seu plano a Lostardo, que este approvou. Só necessitava de uma modificação—comprar um dos commandantes do Ponton, que assegurasse melhor o exito.

— Pois bem, diz D. Antonia, podeis offerer até cinco mil patações; mas, estais seguro que esse homem se venderá, e que no caso contrario não irá delatar tudo ao tyranno?

— Conheço, responde Lostardo, a pessoa a quem me dirijo.... depois disso, senhora, ao poder do dinheiro poucos homens sabem resistir; se lh'o fossemos pedir por favor, então mudava de figura... Não temais nada, John Anderson, 1º commandante do Ponton, não conhece outro Deus que o seu negocio, e este traduz-se por—dinheiro.

— Bem; como para ganhar é necessario arriscar tambem, eu lhe deixo toda a liberdade para tratar deste negocio.... Fica em vossas mãos o nosso destino.... mas urge que se trate disto quanto antes.

— Amanhã de noite pôde a senhora vir saber a resposta; amanhã é domingo, justamente é um dia optimo para ver e fallar a Anderson.

— Então até amanhã; e Deus tenha misericordia de nós!

A Sra. de Alsina diz adeus aos seus amigos, e regressa á quinta de seu pai sem o menor obstaculo.

Lostardo seguia ao longe, sem que ella o notasse, disposto a defendel-a se necessario fosse.



## O DINHEIRO É A ALMA DO MUNDO.

Nos paizes catholicos, que não sejam o Reino-Unido da Grã-Bretanha e os Estados-Unidos da America do Norte, o domingo é o dia de folga, de festa, de pagode, e até de bebedeira para as classes industriaes, e tambem para outras mais elevadas.

Mas John Anderson fiel aos costumes anglo-americanos, quando não está de guarda a bordo do Ponton, vai á igreja duas vezes por dia, e o resto do tempo passa em casa lendo a Biblia e mastigando tabaco.

Meio dia marcava o relógio do Cabido, quando Lostardo batia á porta da casinhola da *Alameda*, que occupava Anderson.

O primeiro commandante, sentado em uma grande poltrona, descança os pés estendidos sobre uma mesa, vestido de preto, de chapéo na cabeça; mastiga o sempiterno tabaco e bebe, gole a gole, um copo de agua de salsaparrilha, sem ser de Sands.

Ao barulho da aldraba da porta, Anderson, sem levantar os olhos do livro, responde:

— Wacking if yon please. (Seja servido de entrar.)

O marujo genovez, que parece estar ao facto das maneiras de Anderson, entra de chapéo na cabeça e as mãos nas algibeiras das calças.

Sem cumprimentar o dono da casa, Lostardo toma uma cadeira, senta-se, estende os pés n'outro extremo da mesa, e começou a seguinte conversa em inglez, que nós traduziremos para poupar o encommodo áquelles dos nossos leitores que não saibão o idioma dos passaros.

Lostardo é o primeiro a fallar.

— Sr. Anderson venho a negocio.

Anderson fecha a Biblia, tira o chapéo, alisa o cabello, e torna a collocar o chapéo sobre os olhos; depois tira da algibeira do collete um canivete e começa a aparar as unhas; concluida esta operação preparatoria de todo o inglez ou americano quando vai entrar em materia de business, Anderson faz um

— Hum! hum.

Que, segundo as inflexões da voz, varia tambem no seu sentido. Aqui queria dizer—estou sciente, pôde continuar.

Lostardo pela sua parte faz um—halte—tira um charuto do bolso da sua jaqueta de marujo, procura um phosphoro e acende o charuto, o qual durante alguns segundos parece occupar-lhe completamente a attenção. Depois de alguns instantes, Lostardo repete:

— Venho a um negocio.

— Muito bem.

— Bello negocio de dinheiro, acrescenta Lostardo sacudindo a cinza do seu charuto.  
— Hum! hum! Faz Anderson, que neste caso quer dizer—explique-se.  
— Negocio de cinco mil patações n'uma noite.  
— Ah! cinco mil patações? hum, hum.  
E' bonito, heim?

— 215 —

— Conforme.... pôde ser....  
— Hum! hum! faz Lostardo pela sua vez; o que deve traduzir-se— meu camarada, se você é velhaco e desconfia de mim, eu tambem não me confio em você.  
— Então! diz Anderson empenhando-se em dar a uma unha a maior polidez possível. Então você diz que?...  
— Sim, eu digo que se você quer deixar o commando do Ponton e ir-se embora com alguém, lhe dão cinco mil patações.

Anderson cospe, deixa as unhas, bota fôra o tabaco que estava na boca, tira outro bocado da algibeira e renova a posição, continua a limpar as unhas, e por fim resolve-se a dizer:

— Querem que eu fuja com algum preso que está lá?  
— Hum, hum—faz Lostardo novamente, e Anderson traduz—pense o que quizer.  
— Quem é o preso?  
— Então quer sempre o negocio?  
— Conforme.  
— Vejamos.  
— Responsabilidade?  
— Forçosamente.  
— O dinheiro?  
— Lhe será apresentado á vista da casa de..... em Montevidéo.  
— Que me será entregue?  
— Na manhã seguinte á noite da fuga, passando você um documento em regra....  
— Hum, hum.

Por esta vez o *hum-hum* de Anderson parecia dizer—vocês tem medo que eu os atraíçoe.

— Então podemos contar com você?

— Sim.

— O dia?

— Eu sahi hoje da guarda, entro no domingo que vem; sabbado á-noite, pela minha parte não haverá inconveniente.

A alegria de Lostardo é tal que elle de boa vontade dera um abraço no *jankee*, porém sabe conter-se, e apresentando-lhe a mão os dous homens trocão o que os inglezes chamão *Check-hand*, em signal de que o contracto estava feito e cumprir-se-hia sem falta alguma.

Nessa noite a Sra. de Alsina entregava a Lostardo uma carta para a casa ingleza de.... & C.<sup>a</sup> em Montevidéo, e juntamente uma somma de dinheiro destinada á compra de todo o necessario para a empreza.

Na segunda-feira ás nove horas da noite a baleira *Joven Italia* fendia as aguas com velocidade, os marujos remavão sem descanso, o patrão Lostardo fumava ao leme, e toda a tripulação parecia agitada, mas contente.

Quinta-feira ás dez horas da noite Lostardo estava de retorno; seus marujos o acompanhavão carregados de saccos. A velha *Ghita* servia uma abundante ceia, e a Sra. de Alsina recebia nessa noite pela janella do seu quarto um enorme pacote que lhe entregava Lostardo.

*Continua.*

— Com este nosso n.º 26 completamos o ultimo numero do segundo trimestre, com o qual prefaz o *Jornal das Senhoras*—215 paginas de impressão—mais do que tinhamos promettido e—pouco para o que desejamos vos offerecer. Do mez que vem em diante daremos dois figurinos coloridos em uma brilhante estampa do mais moderno gosto de Paris, todos os domingos, e no ultimo uma peça de musica, cada mez. Rogamos portanto a todos os nossos Assignantes o favor de mandarem renovar as suas assignaturas, que ficão estabelecidas em um só semestre até o fim do anno, nas casas dos Srs. Mongie n. 87 e Wallerstein n. 70, rua do Ouvidor.

O preço de cada assignatura por semestre fica sendo de 6\$000 para a Côrte, e 7\$000 para as Provincias.

JORNAL DAS SENHORAS.

PUBLICA-SE TODOS OS DOMINGOS; o primeiro numero de cada mez vae acompanhado de um lindo figurino de melhor tom, em Paris, e os outros seguintes de um engraçado lundu ou terna modinha brasileira, romances francezes em musica moldes e padrões de bordados.

SUBSCREVE-SE para este jornal nas casas dos Srs. Wallerstein e Comp. n. 70, A. V. F. Desmarais n. 86, Mongie n. 87 rua do Ouvidor; e na Typographia de Santos e Silva Junior, rua da Carioca n. 32.

TODA A CORRESPONDENCIA é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das casas mencionadas.

PREÇO DA ASSIGNATURA: Por tres mezes 3U000 rs. na Côte, 4U000 rs. para as Provincias.

Os trimestres contão-se em Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro —Typographia de Santos & Silva Junior, Rua da Carioca n. 32.